

## Introdução

Alexandre Andrade da Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, AA. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 371 p. ISBN 978-85-7983-113-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# INTRODUÇÃO

*A vida econômica, política e social do mundo é tão intrincada, tão complexa e feita de tantos milhares de pequenos, mas fortíssimos fios que, sem sabermos, eles nos envolvem numa vasta tela e nos ligam a acontecimentos que parecem não nos interessar. Ainda hoje sofremos todos da última guerra mundial. [...] Sem que o saibamos, esses pequenos fios podem estrangular-nos. Ignorar a existência deles não nos salvará. Desprezá-los é suicídio.<sup>1</sup>*

O cenário conturbado e complexo do campo internacional durante o final dos anos 1930 e o início dos anos 1940, tempo em que o mundo envolveu-se em uma outra grande guerra, é o pano de fundo deste estudo que contempla, ainda, os reflexos desses contextos no Brasil.

Consequência das mudanças de paradigmas vividas no seio das ciências sociais desde os anos 1960 e 1970, os estudos sobre a imprensa sofreram inflexão metodológica importante com o trabalho de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Coelho Prado, publicado no início da década de 1980. Também no campo da sociologia inúmeros trabalhos contribuíram para um aumento exponencial, no

---

1 Cf. “Será a Hora H?”, in *O Estado de S. Paulo*, 14 set. 1938, p.16.

que se refere à imprensa como fonte.<sup>2</sup> Além disso, como assinalam os organizadores do livro *História e imprensa*,

o redimensionamento da imprensa como fonte documental – na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas – possibilitou a busca de novas perspectivas para a análise dos processos históricos. Dessa forma, superou-se a perspectiva limitada de identificar a imprensa como portadora dos “fatos” e da “verdade”. Deixaram-se também para trás posturas preconcebidas, que a interpretavam, desdenhosamente, como mero veículo de ideias ou forças sociais, que, por sua vez, eram subordinadas estritamente por uma infraestrutura socioeconômica. (Neves et al., 2006, p.10)

Sabe-se que a imprensa participa ativamente do momento histórico no qual está inserida, uma vez que registra e tece considerações a respeito de fatos do dia a dia, tornando possível “reconstruir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplos personagens” (Capelato, 1988). Muitas vezes, esses personagens, como lembra Tânia Regina de Luca (2008, p.8),

são exatamente os mesmos, na imprensa, na política, nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. E os exemplos vêm da Colônia, passam pelo Império, persistem na Primeira República, seguem no Estado Novo e chegam até nossos dias.

O trabalho com os jornais é sempre arriscado, pois implica adentrar meandros repletos de complexidade e sutilezas. Faz-se necessária uma análise não só do objeto que se estuda, mas, ainda, do contexto

---

2 Como exemplo dessa perspectiva podem-se citar as pesquisas efetuadas pelos professores e pesquisadores da Universidade de Brasília cujo livro, lançado em 2002, reflete uma parcela desses esforços (ver Luiz Gonzaga Motta, 2002).

no qual aquela fonte se insere e exige do leitor/pesquisador estudar as biografias dos personagens que compõem esse cenário. Isso posto, resta a dúvida: de que forma se deve abordar essa fonte – o jornal – como objeto de pesquisa? De acordo com Prado & Capelato (1980, p.XIX),

a escolha de um jornal como objeto de pesquisa justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, nega-se pois, aqui, aquela perspectiva que a teoria como mero veículo de informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político social na qual se insere.

O regime estadonovista investiu num projeto político-cultural que reservou papel de destaque para os meios de comunicação de massa, como a imprensa e o rádio, veículo recém-surgido e que se difundiu exatamente nessa época. Ao lado da persuasão – empréstimos, verbas publicitárias –, não se hesitou em tomar medidas mais drásticas, exemplificadas na ocupação do jornal *O Estado de S. Paulo*. Invadido em março de 1940 e dirigido pelo interventor designado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Abner Mourão, o matutino tornou-se porta-voz do varguismo.

Evidencia-se, portanto, que a imprensa teve sua liberdade cerceada em nome de uma ideologia e de um regime autoritário que, via coerção, pretendia criar uma comunidade nacional fundamentada na “brasilidade”.

Este estudo insere-se na intersecção entre os campos da história política e da história cultural. A história política foi bastante criticada pelos *Annales* por reduzir o campo do político aos grandes acontecimentos, a vida dos reis ou a decisões tomadas pelos principais líderes dos Estados nacionais. No entanto, conheceu renovações que trouxeram novos conceitos como representação e imaginário, por exemplo.

Roger Chartier (1990, p.7) assinala que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário

relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”.

No que se refere ao jornal *O Estado de S. Paulo*, os proprietários do periódico divergiam dos projetos do presidente Getúlio Vargas. No livro *A universidade da comunhão paulista*, Irene R. Cardoso (1982) mostra de que forma o “grupo do Estado” atuou,<sup>3</sup> politicamente, na criação da Universidade de São Paulo e quais as dimensões que o projeto de poder desse grupo atingia (ibidem). Nesse sentido, a relação entre os proprietários do jornal e políticos e intelectuais que formavam esse grupo era de dissensão no que concerne à política varguista e, como recorda Chartier (1990, p.17), “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. A candidatura de Armando Salles de Oliveira para presidente da República representou o ápice das pretensões dessa elite paulista que se viu derrotada com o golpe de novembro. Apesar de apoiar algumas das ações do governo, como a luta contra o comunismo em 1935,<sup>4</sup> a partir do golpe, limitou-se a liberdade de expressão e os opositores sofreram as consequências de

---

3 Segundo Cardoso (1982, p.43), “Na década de 20, enquanto Júlio de Mesquita era ainda diretor-presidente de *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita Filho era secretário do jornal (cargo que assumiu em 1921) e Francisco Mesquita, seu irmão, gerente. Os redatores principais eram Nestor Rangel Pestana e Júlio de Mesquita Filho. Armando de Salles Oliveira já era um dos diretores da Sociedade Anônima desde 1914, ao lado de Júlio de Mesquita, pai. Com a morte deste, em 1927, Armando de Salles Oliveira tornou-se presidente da empresa e Júlio de Mesquita Filho, diretor do jornal. São redatores, nessa época, Plínio Barreto, Paulo Duarte, Léo Vaz, Amadeu Amaral e Vivaldo Coaracy. Fernando de Azevedo ingressou na redação em 1923, permanecendo até 1926”. Pode-se afirmar que o núcleo do grupo não se alterou profundamente na década seguinte, uma vez que praticamente todos os nomes citados permaneceram atuantes no periódico ou por meio dele.

4 Segundo Nelson Jahr Garcia (1982, p.76), “o assalto à legalidade resultou da construção de uma visão caótica da sociedade brasileira, apoiada no clima de tensão, fomentado desde 1935, e na crise econômica que o país atravessava, o que parecia suficiente para justificar medidas autoritárias e repressivas”.

sua ação política. Julio de Mesquita Filho, que já conhecera o exílio em 1932, pela sua participação na Revolução Constitucionalista, partira novamente, em novembro de 1938, rumo a Paris.

Mesmo exilado, contudo, o jornalista enviava diretrizes que se referiam aos problemas nacionais e internacionais e tentava ampliar sua rede de relacionamentos políticos com personalidades americanas, após a estada na França. Dessa forma, as ideias que os colaboradores defenderam nos comentários publicados a partir de abril de 1938 foram emitidas por ele antes da ocupação do jornal. Dessa data em diante, o periódico passara a órgão diretamente ligado ao Estado, e, apesar da censura e da presença de um diretor sob as ordens do DIP, as ideias de cunho abertamente democrático e antitotalitárias se mantiveram.

Não se pode esquecer, porém, que a essência do texto jornalístico é a efemeridade, a transitoriedade, a velocidade com a qual o autor é obrigado a construir suas reflexões. O desafio, nesse caso, era escrever ainda sobre o impacto dos acontecimentos e traçar considerações analíticas a respeito do assunto abordado. Vitórias retumbantes, cercos mortíferos, novos armamentos, tudo comentado criticamente por uma série de jornalistas que tinham o ônus de espreitar o desconhecido. Nesse sentido, apropriando-se da definição que A. Piccarolo deu aos artigos escritos por F. Nitti (1933), reunidos em livro, cuja introdução ficou sob sua responsabilidade, os comentários “fotografam um passageiro modo de ser da política internacional”.

Pretende-se analisar, por meio dos comentários publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, os rastros deixados pelos colaboradores que, durante os anos de 1938 a 1945, interpretaram os acontecimentos do campo internacional como transformadores da realidade interna. Nesse sentido, não se trata de estudar os fatos que marcaram a Segunda Guerra Mundial, mas, sim, de demonstrar de que modo os articulistas construíram imagens que se firmaram ao longo do tempo e que destoavam, em grande medida, das diretrizes propugnadas pelo Estado Novo.

Nesse período, no qual, segundo Karl Dietrich Bracher (1989, p.10), “*la política se convirtió en comunicación en el sentido de que la formación de una opinión pública, através de los médios masivos*”

*de comunicación, ha adquirido una importancia decisiva y de hecho hace historia en manos de políticos hábiles*”, ter um espaço dedicado à análise dos acontecimentos inter(nacionais) possibilitava aos editorialistas a continuidade do embate contra o governo centralizador.

Assim, a partir dessa premissa, pretende-se verificar quais as representações que parte da elite paulista, reunida no jornal, construiu a respeito do(s) contexto(s) de crise que o mundo vivenciou nas décadas de 1930 e 1940, uma vez que, como assinalou Tânia Regina de Luca (2008, p.158),

Ainda que tivessem adentrado o mundo dos negócios, os jornais não deixaram de se constituir em espaço privilegiado de luta simbólica, por meio do qual diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo. Não por acaso, os vários órgãos da grande imprensa distinguiam-se pelo seu matiz ideológico, expresso nas causas e no público que pretendiam atingir.

A pesquisa iniciou-se com o exemplar de 20 de abril de 1938 quando, pela primeira vez, publicaram-se, com destaque gráfico, considerações sobre a situação internacional. A partir dessa data, esse tipo de recurso tornou-se diário, com breve interrupção apenas nos meses de janeiro e fevereiro de 1939, período em que figuraram no matutino esporadicamente.

Na grande maioria das vezes, tais informações eram alocadas na última página, ainda que, circunstancialmente, aparecessem na de abertura.<sup>5</sup> A localização no interior da página, por sua vez, era

---

5 Ao analisar a literatura de cordel e as imagens que compunham os livros, Roger Chartier afirmou, sobre o lugar em que essas figuras foram inseridas: “colocada na última página, a imagem tem outra função, uma vez que permite fixar e cristalizar, em torno de uma representação única, aquilo que foi uma leitura entrecortada e muito fracionada. Fornece, assim, a memória e a moral do texto”. Dessa forma, não parece exagerado afirmar que os quadros publicados pelos colaboradores poderiam ser tomados como um espaço em que as desorganizadas notas acerca dos acontecimentos internacionais, que compunham a primeira página do jornal, eram ali analisadas e que simbolizavam essa “moral do texto”, de que fala o autor francês.

fixa, conforme se observa nas figuras anexas (ver Figura 1). Nesse momento, a paginação era feita com nove colunas dispostas paralelamente. Observe-se que o destaque deriva da junção de quatro ou três colunas em apenas duas, o que, de imediato, chamava a atenção do leitor e configurava o que poderia ser denominado de uma espécie de quadro.<sup>6</sup> Roger Chartier (1990, p.127), ao estudar os textos e a história da leitura, assevera que “é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”. Às vezes, esse quadro, costumeiramente publicado abaixo do título do jornal, era deslocado para a parte inferior da página, sem, todavia, abandonar o seu centro (ver Figura 3).

De 20 de abril de 1938 a 1º de dezembro de 1942 foram publicados 1.347 quadros que, até 17 de maio de 1939, não foram assinados. Na edição subsequente (18 de maio), surgiu o primeiro quadro assinado e, daí em diante, nota-se alternância entre assinados e não assinados. Na amostra estudada 1.067 (79,21%) não identificaram autoria e 280 (20,79%) o fizeram.

Entre os colaboradores que podem ser identificados havia:

- autores brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil;
- notícias de agências internacionais, tais como Havas, Reuters e United Press, cujos autores eram devidamente identificados e também artigos de líderes e de personalidades do cenário internacional, distribuídos por essas agências. Do ponto de vista quantitativo, tal material era o mais representativo. Anexo, apresenta-se o rol completo dos colaboradores em função do número de vezes que figuraram no matutino.

---

6 Vale lembrar que, como têm afirmado vários estudiosos da área da história dos livros e da leitura, o suporte não é inocente. Segundo Chartier (1999a, p.138), por exemplo, “um romance de Balzac pode ser diferente, sem que uma linha do texto tenha mudado, caso ele seja publicado em um folheto, em um livro para os gabinetes de leitura ou junto com outros romances, incluído em um volume de obras completas”.



Pelo exposto, pode-se inferir que a maior relevância estava nos quadros não assinados. Vale lembrar que, entre os textos que têm autoria indicada, há somente um autor brasileiro (Affonso de Carvalho) e nenhum jornalista que participava do núcleo do jornal. Nesse sentido, conclui-se que a grande maioria dos textos estava a cargo da redação do periódico, a essa época dirigido por Leo Vaz e tendo como redator chefe Plínio Barreto. Após a ocupação do matutino, em março de 1940, a incumbência de escrever sobre os acontecimentos da esfera internacional permaneceu com a redação. Isso porque, em flagrante tensão com os editoriais, que eram escritos ou supervisionados mais rigidamente pelo novo diretor, Abner Mourão, os comentários continuaram a apresentar os mesmos temas durante a intervenção protegidos, talvez, pela aparente distância da realidade brasileira que os textos aparentavam.

Em algumas oportunidades, os temas tratados configuram verdadeiras séries, já que eram retomados seguida e continuamente em várias edições. Entre os colaboradores brasileiros, o major e depois tenente-coronel Affonso de Carvalho, que figura com 24 textos assinados, foi o que mais vezes colaborou com a narrativa de sua viagem ao continente europeu. Ele dirigia a revista *Nação Armada*, cujo primeiro número foi publicado em 1938 e que reunia diversos setores da sociedade, tais como padres, intelectuais, além de representantes do Exército, em torno do tema da segurança nacional. Affonso de Carvalho era, segundo Paulo Duarte (1946, p.231-2), um admirador da Alemanha. No livro *Prisão, exílio, luta...* escrito como “síntese das minhas atividades contra a ditadura”, o autor afirma que ele seria “um militar inteiramente devotado aos nazis”.

No que concerne ao material vindo do exterior, os editores selecionaram e reproduziram largos trechos dos escritos de Hermann Rauschning, extraído do livro *Hitler me disse*; de Ralph Ingersoll, que viajou à Inglaterra e de lá remetia artigos intitulados *Londres sob os bombardeios alemães*; e o relato de James Roosevelt a Isabel Leighton e Gabrielle Forbush, *Meu filho Franklin*.

É importante notar que todas essas iniciativas guardavam relação direta com o momento que se atravessava nas relações internacionais.

Assim, os escritos de Hermann Rauschning foram publicados entre janeiro e fevereiro de 1940, data em que a guerra estacionara na frente ocidental, apresentando aqueles que o autor julgava serem os principais objetivos do chanceler alemão. A série *Londres sob os bombardeios alemães*, publicada entre dezembro de 1940 e março de 1941, informava, a partir do testemunho ocular, quais as consequências dos ataques da *Luftwaffe*, a reação da população londrina aos ataques, as agruras da vida cultural, social e política inglesa nesse momento crítico em que a Inglaterra lutava sozinha contra a Alemanha.<sup>7</sup>

E, por último, *Meu filho Franklin*, que veio a público entre outubro e dezembro de 1941, objetivava demonstrar a formação da personalidade do presidente dos Estados Unidos, figura-chave para o desenrolar dos acontecimentos mundiais.<sup>8</sup> Chama a atenção o fato de a ocupação do jornal pela polícia varguista, em 25 de março de 1940, não haver modificado nem a estrutura nem o conteúdo dos quadros: a estratégia gráfica, a frequência e os colaboradores permaneceram os mesmos em 7 de abril, quando o matutino voltou às ruas.

Antes de discutir a origem e o conteúdo dos quadros publicados, é importante esclarecer como o próprio periódico se referia a esse material. Ao mencionar informação ou análises publicadas em números anteriores, os responsáveis valiam-se dos termos “boletim” (uma vez), “notas” (uma vez), “artigo” (oito vezes), “artiguete” (nove vezes) e “comentários” (dezessete vezes), o que mostra certa indecisão quanto à forma de intitular esse material diversificado e de difícil classificação pelos próprios jornalistas envolvidos na sua construção.

Vale destacar que essa forma de dar conta da realidade dos problemas do campo político internacional era muito diferente dos famosos *Boletins Semanais*, publicados durante a Primeira Guerra Mundial

---

7 No artigo que encerra a série, Ralph Ingersoll conclui, a partir do que assistiu, que “a batalha travada de oito a quinze de setembro, longe de haver provocado a debilidade da Inglaterra, significou a primeira derrota de grande envergadura infligida a Hitler em oito anos” (*O Estado de S. Paulo*, 13 mar. 1941, p.1).

8 A série foi retomada em 1942, quando voltaram a ser publicados excertos da mesma obra.

e que foram escritos exclusivamente pelo proprietário do jornal, Julio de Mesquita. Os quadros, por sua vez, distinguiam-se pelo seu conteúdo variado, tanto podiam comentar discursos de chefes de Estado, notícias de outros jornais e transmissões radiofônicas das agências internacionais, livros que direta ou indiretamente tratavam da guerra e seus protagonistas.

Pode-se indagar por que, em 1938, o jornal se impôs à iniciativa de interpretar os acontecimentos internacionais. A justificativa foi exposta no primeiro comentário, datado de 20 de abril, no qual assinalava:

tão complexos, variados, inesperados, surpreendentes se sucedem atualmente os acontecimentos mundiais, que nem sempre serão possíveis à maioria dos leitores, naturalmente solicitados por outras preocupações, reter e coordenar tantos e tão díspares notícias, em uma síntese diária, que os instrua e lhes aproveite por forma mais duradoura. Assim, e sem descurar da parte meramente informativa, que terá o volume e a variedade de sempre, vamos oferecer doravante aos leitores, em notas como a que abaixo se insere, comentários aos casos mais significativos ou palpitantes da vida internacional, buscando por essa forma complementar uma seção que já de si tantas e honrosas referências nos tem merecido. Entregues esses comentários a colaboradores nossos, de toda competência e idoneidade, estamos certos de que os nossos leitores saberão avaliar condignamente mais este esforço que fazemos a fim de continuar a corresponder à preferência com que tão cativamente nos distinguem.<sup>9</sup>

As características que os comentários assumiram durante todo o período estudado foram aqui delineadas. Os leitores, absorvidos pelas tarefas diárias, não teriam tempo para “reter e coordenar” as notícias internacionais que estavam sob a responsabilidade de autores que os proprietários do jornal confiavam plenamente (“competentes” e de “idoneidade” insuspeitável). O argumento apresentado para justificar a iniciativa não pode ser dissociado dos interesses

---

9 Cf. “Roosevelt e as eleições”, *O Estado de S. Paulo*, 20 abr. 1938, p.14.

dos responsáveis pela publicação. Afinal, cortar, selecionar, destacar e ordenar não são tarefas isentas de intencionalidade. Trata-se de apresentar aos leitores uma dada apreensão dos fatos, que não se dissocia de uma visão de mundo, interiorizada e compartilhada com o grupo social que gravita em torno do periódico. Assim, os responsáveis pelo matutino tomaram para si o trabalho de organizar, reordenar e produzir uma “síntese” que viesse “complementar” a “seção” de notícias internacionais, que já existia. Não se tratava de fornecer novas informações, mas, sim, de (re)interpretar e apreender o contexto externo analiticamente,<sup>10</sup> oferecendo ideias prontas a serem absorvidas sem questionamentos.

É importante ressaltar que os quadros diferiam das notícias esparsas e dispostas caoticamente nas páginas do jornal: por sua configuração gráfica, antes convidavam o leitor a recortar e guardar o material para posterior consulta. Note-se que a estratégia gráfica adotada pelos responsáveis ensejava que o texto fosse lido, recortado e guardado, e quiçá lido por outros, o que talvez confirma a esses textos uma relevância maior do que a dos próprios editoriais que, possivelmente, eram descartados após a leitura.

Pode-se perguntar por que os responsáveis pelo jornal apostariam nessa iniciativa e que finalidades os moviam. As rápidas alterações no quadro externo justificariam tal decisão? Pode-se supor que a realidade interna também conferia ao período singularidade ímpar.<sup>11</sup> O Brasil, presidido por Getúlio Vargas, vivia sob o Estado Novo, regime de força no qual as liberdades democráticas foram seriamente restringidas.

Os responsáveis pelo jornal tinham que amargar aqui e além fronteiras a ascensão e o triunfo de regimes políticos que, em tese,

---

10 O apelo à relevância do jornal no que concernia, especialmente, à sua atuação como organizador dos complexos acontecimentos que convulsionavam as relações internacionais não foi exclusividade dos comentários. Em outras páginas, durante a ocupação do matutino, publicaram-se imagens que sugeriam essa ideia. Ver, no Anexo, a Figura 4.

11 Como assevera Pierre Milza (1996, p.373), “crise dos valores, política interna e política externa mesclavam-se de forma complexa”.

sempre combateram. O *bravo matutino* via seus princípios mais caros ameaçados. A fim de interpretar e transmitir pedagogicamente aos leitores sua visão de mundo, os responsáveis pelos comentários trataram dos mais variados temas e assuntos. É importante ressaltar que, como toda pedagogia, as análises eram construídas a partir de velhos e arraigados preconceitos – como o posicionamento radical contra a Revolução Russa e seus resultados – e transmitiam os valores e ideologias pelos quais propugnavam.

Esses preconceitos, valores e ideologias chegavam ao leitor por meio dos escritos e das temáticas selecionadas. As principais foram: a polarização democracia *versus* totalitarismo, a guerra e suas batalhas, a posição dos Estados Unidos e do continente americano diante do conflito e o futuro do Brasil e do mundo no pós-guerra. Na sequência, intenta-se mostrar como e de que modo essas temáticas foram construídas.

O Capítulo 1, “*O Estado de S. Paulo e a defesa da democracia liberal (1938-1940)*”, está subdividido entre: “Representações do político: a polarização democracia liberal *versus* totalitarismo” e “Os Estados Unidos e a América: as representações do processo de envolvimento do continente no conflito”. Nele, pretende-se mostrar como os colaboradores apreenderam e construíram uma imagem do mundo dividido entre essas duas concepções políticas que se relacionavam diretamente com a situação brasileira e evidenciar o modo como os articulistas interpretaram esses dois momentos de hegemonia alemã no campo internacional.

O Capítulo 2, “*O Estado de S. Paulo sob ocupação: permanência dos discursos (1940-1942)*”, subdivide-se em outras três seções: “A queda da França”, “A batalha da Inglaterra” e “A invasão da União Soviética”. Nesta, intenta-se demonstrar como o periódico sustentava ideias políticas que se coadunavam com as tradicionais posições d’ *O Estado de S. Paulo*, tais como a postura anticomunista e a defesa de um viés liberal democrático no que se referia às relações internacionais do Brasil.

No Capítulo 3, “*O Estado de S. Paulo: o debate em torno do pós-guerra (1942-1945)*”, subdividido em duas seções, “O colapso

totalitário e a luta pela redemocratização” e “O Brasil e o futuro”, pretende-se mostrar como os textos se tornaram cada vez mais contundentes na defesa do regime estadonovista num momento de luta pela redemocratização e de derrota dos totalitarismos na guerra. A periodização se justifica, uma vez que, para os colaboradores, após as derrotas em Stalingrado e na África, o destino do Eixo estava selado. Nesse sentido, espera-se que os comentários apresentem ao leitor argumentos que discorram sobre a vitória das democracias e que contribuam, dessa forma, para o retorno da democracia no Brasil, que ocorre justamente por conta dessa vitória.